Entrevista

ESCOLA, MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Acabar com o anacronismo da escola requer valorização do professor e participação da comunidade

A professora doutora Maria Thereza Fraga Rocco, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, autora, entre outros, de Linguagem autoritária, televisão e persuasão, *é a entrevistada deste número. Professora especialista em Língua Portuguesa, sempre se preocupou com a linguagem dos meios de comunicação, principalmente da televisão, e com a educação de crianças e jovens; sua tese de livre-docência tratou da* Linguagem da TV: uma gramática da persuasão. *A professora é referência obrigatória para aqueles que estudam a inter-relação comunicação e educação. Participou do projeto* TV Escola *através da autoria do caderno e da série de vídeos* Viagens de leitura. *Atualmente, dedica-se a novos projetos, à pesquisa e à pós-graduação.*

Por **Roseli Fígaro**

Revista Comunicação & Educação: *No início da década de 80, um de seus trabalhos acadêmicos demonstrou a existência de uma crise na linguagem de jovens vestibulandos. Essa crise foi caracterizada por você pelo uso excessivo de clichês e frases feitas. Como poderíamos caracterizar a linguagem dos jovens dos anos 90?*

Maria Thereza Fraga Rocco: Quando fiz esse trabalho, que terminou em 1981, não só os clichês e as frases feitas eram os grandes problemas desses jovens, mas a falta total de domínio da linguagem escrita. Isso não tem nada a ver com aquela história de geração sem pensamento, simplesmente o que aconteceu foi que até 1977 não havia redação no vestibular, ou melhor, a redação havia sido tirada do vestibular no período da ditadura, e durante vinte anos, fim da década de 60 e quase toda a década de 70, não se escreveu mais na escola. Além de usar clichês e frases feitas, eles tinham uma dificuldade enorme de usar adequadamente conectivos do tipo *porque, por isso, embora, no entanto, porém*. As relações que eles estabeleciam não correspondiam às relações que esses conectivos estabelecem. Não foi dada, nessa época, condição para que esses meninos usassem e dominassem a linguagem escrita. Eles tentavam escrever de forma a impressionar o examinador e acabavam criando um texto com fugas, com desvios semânticos dos termos, das frases, com contradições lógicas como, por exemplo: *"Na folha em branco, veio escrito o nome do meu amigo anônimo que assinou a carta"*.

Analisei essas redações no vestibular de 1978, havia um ano que a redação tinha sido reincluída na pauta do vestibular. Depois disso, de tempos em tempos, fui analisando novamente as redações do vestibular Fuvest. Ou seja, o último trabalho que fiz foi há dois anos, analisando as redações da Fuvest 96. Durante todos esses dezesseis anos vi uma melhoria sensível no texto desses jovens recém-saídos da adolescência. Isso não quer dizer que sejam bons textos. São textos que não se arriscam. Eles escrevem coisas com começo, meio e fim.

A grande quantidade de, por exemplo, clichês que encontrei na primeira vez, não encontrei mais nos anos seguintes. Problemas que aconteciam na ordem de 38%, 39%, caíram para 5% nos anos posteriores. Problemas de imprecisão por uso indevido de conectivos, que eram muito altos, caíram para 2%, 3%. Os graves problemas de escrita que encontrei em 78, fui encontrando cada vez menos nos textos de 85, de 90, de 94 e de 96. Tenho até uma publicação da Fundação Carlos Chagas que estuda comparativamente a escrita desses jovens. Melhorou muito, mas não são bons textos, porque raramente se vê um lance mais individual, um lance de maior ousadia de um deles. Isto porque, se eles ousarem, eles correm o risco de errar feio e de comprometer um texto que serve de avaliação para o vestibular.

Atualmente tenho analisado esses diários de meninas adolescentes, esses que correm pela classe. Nesses diários, vê-se a escrita de um texto muito mais rico. No entanto, quando é para o vestibular, eles escrevem sob medida para o examinador, para fazer a dissertação. O texto do aluno para o vestibular não é o texto que corre na vida dele. É um texto produzido numa camisa de força. Procura fazer com que o texto tenha começo, meio e fim. Não comete barbaridades de linguagem, daquelas que vi em 78. Não comete erros de ortografia, é raro. Mas eles têm muita dificuldade de desenvolver um tema. Ficam tangenciando a proposta. Como se diz que os vestibulandos precisam mostrar erudição, cultura, de repente passam, esquematicamente, do tema para um exemplo de uma situação do presente, do momento, da política, por exemplo. Os jovens vestibulandos dominam a modalidade escrita num nível, que eu diria, que é suficiente para eles se comunicarem por escrito.

RCE: Você *acha que a criatividade do aluno é moldada pela fórmula que é dada pelo próprio vestibular?*

Maria Thereza: São duas coisas. Primeiro, na medida em que eles melhoraram, percebe-se, por exemplo, que a escola funcionou. Isso é uma coisa muito importante. Porque antes eles escreviam: *"Eu gosto muito dele, embora ele seja o meu melhor amigo"*, ao invés de colocarem o *porque* colocavam o *embora.* Hoje esse tipo de coisa não acontece mais. A escola ensinou a escrever, a estabelecer relações. Segundo, um exame vestibular, de uma certa forma, claro que limita, porque não tem como fazer diferente. Porque se for permitido que todos façam o que quiserem de uma forma totalmente livre, não é possível avaliar. O vestibular tem de ruim essa característica de exercer, em certa medida, a função de camisa de força do texto. Tem que ser um texto dissertativo sobre um tema proposto. Embora o jeito de se fazer esse texto seja conseqüência do que a escola propõe e do que os cursinhos fazem.

A escola funciona de duas formas: ensinando o domínio da escrita e ao mesmo tempo cerceando uma escrita mais livre, mais inventiva. Então a própria escola que ensinou a escrever, cerceia em função de uma exigência do vestibular. A única coisa

que me preocupa é essa idéia escolar do que seja dissertação. Penso que pode-se dissertar em primeira pessoa, pode-se dissertar com relação a fenômenos próprios, por que não? A dissertação seria um exercício de reflexão, de julgamento, de argumentação. Mas, o modelo que se impõe é o modelo que vai servir ao texto universitário logo mais. Nesses termos, sem dúvida ela fecha um pouco a possibilidade de o aluno ser criativo. É preciso que se diga que ser criativo implica um trabalho diuturno, cotidiano, de escrever sempre, de escrever livremente. A escrita livre, mais espontânea, é marginal à escola, ainda que exista em função da própria escola. Esses diários de jovens que estou analisando têm coisas magníficas. Como têm também muita bobagem. São escritos confessionais. Têm muita cópia, reapropriação de orações, sobretudo de igrejas evangélicas. E têm, ao mesmo tempo, a escrita funcionando como catarse. Numa das agendas, na de uma menina que faz o curso de Magistério, há o registro de que ela escrevia ali porque tanto o pai quanto a mãe eram analfabetos e, assim, ela não precisava se preocupar com eles, pois eles nunca leriam seus relatos. Ela estava escrevendo coisas muito sérias, muito importantes – do pai sempre bêbado, da mãe muito sofrida e de brigas e tapas na casa – com um texto forte, vibrante, espontâneo, mas nunca poderia ser um texto para o vestibular. São essas questões que não se sabe como resolver. São questões complicadas, não se pode avaliar um texto como esse no vestibular.

RCE: *Mas a escola pode abrir espaço. Não seria esse o espaço do conhecimento?*

Maria Thereza: Mas é claro. A escola acaba não fazendo esse tipo de trabalho com o aluno porque ela tem que prepará-lo para o exame vestibular. É enorme o percentual de alunos que, estando no terceiro colegial, querem ir para a universidade. Eles querem o texto que o vestibular vai avaliar. Mas nada impede que a escola trabalhe outros textos.

Profa. Dra. Maria Thereza Fraga Rocco: *A TV também pode educar.*

RCE: *Você acha que todo esse número imenso de estímulos que nós temos hoje em nossa sociedade, principalmente o dos meios de comunicação, podem ajudar a escola? Qual é o papel, então, desses meios na batalha pela educação?*

Maria Thereza: Nunca houve tanta riqueza com relação aos apelos extra-escola como os que vêm pelos meios de comunicação. Tenho ouvido e tenho lido algumas críticas ou manifestações preocupadas com o computador, com a Internet. Vejo exatamente o contrário.

A Internet trouxe o estímulo que antes estava um tanto esquecido, o da necessidade da escrita. Inclusive, porque os recursos que o veículo permite usar nos *chats*, nas conversas, vão fazendo com que a preocupação com a linguagem se torne cada vez maior. Com a linguagem que é, por sua vez, uma outra linguagem.

Se alguém me perguntar se o texto da Internet é escrito, direi que o canal de codificação

é a linguagem escrita. Basicamente se tem um texto escrito, porém não é uma escrita como é a do livro ou do caderno. É um outro produto. Diria que a Internet se mantém por meio de uma comunicação que é híbrida, resultado da mistura do oral e do escrito, mas formatado, formulado sob os parâmetros da conversação dialogal, que não é face a face. Na Internet se usam, mais do que nunca, as possibilidades das máscaras do verbal, recobrindo tudo o que se quiser. É um campo muito rico de possibilidades, de desenvolvimento do imaginário, de liberdade, de vontade. Ainda que nunca se possa deixar de destacar que a sua realização plena não se dá pelo virtual, se dá pela relação pessoa-pessoa. Mas, pensando em termos de texto, nunca vi tantos jovens grudados em seus computadores escrevendo como agora. Geralmente os que tenho encontrado são jovens de classe média. Lógico que, pensando na realidade mais abrangente de nossos jovens, não vamos encontrá-los com acesso ao computador, mas é uma coisa que tende a se alastrar. O computador vai ser como a televisão. Daqui a pouco, por mais simples que seja a casa, terá um computador. Tenho a impressão de que logo mais o computador vai ter esse tipo de presença.

Pensando nos outros apelos, nos *outdoors*, nos luminosos e em todas essas mensagens, o que vejo é que esses apelos são bonitos, são peças muito bem-feitas. Há um certo excesso. Com tanta informação circulando no espaço urbano, acaba-se por não se tomar conhecimento de nada. Porém, não se pode deixar de pensar que esses apelos, eletrônicos ou não, são a comunicação escrita que circula no meio social. Neste sentido, existe um anacronismo muito grande entre essa realidade e a escola. Não que se tenha que comparar a escola com essas coisas, porque a escola é o lugar formal da educação. Ela tem que ser mesmo um lugar de trabalho. Não dá para comparar televisão com escola. Não dá para comparar a atração de um luminoso com mensagens e desenhos e um mapa. São coisas absolutamente incomparáveis. A escola é feita para um trabalho sistemático. Mas, independentemente de ela ser feita para um trabalho sistemático, a escola é anacrônica. Aí é que está o grande problema, a escola fica no passado, ela demora muito para incorporar coisas que são importantes, que façam com que fique à altura de seu próprio tempo. Acaba-se tendo uma escola que talvez ainda não tenha chegado ao século XX. Enquanto se tem toda uma gama de estímulos que não têm nada a ver com a escola, que são de outra natureza, mas que estão no século XXI. E isso é fatal. Deixar uma criança fazendo uma coisa completamente fora do seu interesse e sem se perceber daquilo é querer matar uma relação pedagógica. Tem que se manter o que é clássico, o que é importante. Mas ao mesmo tempo, tem que se tirar o ranço das coisas. As coisas para serem clássicas, importantes, para se manterem, têm que ser renovadas. Temos que mudar o jeito do trabalho da escola, porque senão realmente a escola continuará com o pé no passado, tentando viver no futuro e não dá.

RCE: *Como você acha que seria importante utilizar os meios de comunicação, principalmente a televisão, em favor da educação?*

Maria Thereza: Costumo dizer com relação à televisão que seria importante pensar nos diferentes gêneros que são veiculados. Não é qualquer coisa da televisão que pode ser utilizada na escola, essa é a primeira questão que deve ser discutida. Segundo, pensar na televisão como um objeto, um veículo eletrônico, feito para informar, para educar no sentido abrangente do termo e para divertir, para relaxar. Mas tem-

se que deixar muito claro que não é função precípua da televisão educar. Ainda que a Constituição diga que ela deve trabalhar com programas educativos, transmitir a cultura local. Tudo isso é importante, mas educar não é a função central da televisão. A escola e a família é que têm essa função.

Mas a televisão também pode educar. Ao falar de educação na televisão, refiro-me aos canais comerciais que têm segmentos que produzem programas com alto teor educativo e informativo, mas que não estão comprometidos precipuamente com a educação, como cabe à programação das emissoras chamadas culturais e educativas. A *Rede Globo, SBT,* qualquer das redes abertas ou mesmo a televisão por assinatura, não têm o compromisso que a *TV Cultura,* a *TVE* do Rio e as outras TV's educativas têm, ou seja, o de veicular programas educativos como norma.

Há muita coisa na televisão comercial que pode servir à educação. Temos que começar a saber olhar. Por exemplo, tem telejornais. Se se gravar o *Jornal Nacional*, o *Jornal da Record*, o *Jornal da Bandeirantes*, o *Jornal da Manchete* e se tomar a mesma notícia veiculada na TV e na imprensa escrita, e o professor de História ou o professor de Português trouxer para a sala de aula esse material todo, fazendo com que os alunos comparem as notícias e percebam como elas foram enunciadas, eles vão começar a fazer relações importantes: a refletir, por exemplo, por que determinado dia, a *Globo* deu uma notícia e não falou *tal coisa,* quando isso era o ponto principal da notícia. Por que o Paulo Henrique Amorim, na *Bandeirantes,* foi mais fundo na notícia e deu nomes e esclareceu, e em outra emissora isso não aconteceu? Começa-se a trazer para a escola a realidade do veículo de comunicação e a trabalhar sobre ele. Não é uma questão de leitura crítica, mas de começar a perceber como é que se faz a notícia veiculada pelos meios de comunicação. A telenovela e até mesmo a publicidade são tipos de produtos que também podem ser aproveitados para um trabalho na escola.

A Televisão Educativa é diferente. Ela é feita especificamente para ser acoplada a um programa de educação. Mas, mesmo os programas educativos, genéricos ou não, não podem violentar as características da televisão, senão ficam insuportáveis. Ou seja, eles têm que veicular pequenas doses de informação, têm que ter muita novidade e ter a linguagem do veículo.

Faço uma diferença entre o educativo pedagógico, no sentido mais amplo e no sentido didático, que é aquele que ensina, aquele que ajuda o trabalho em sala de aula; e o outro como educativo mais genérico como, por exemplo, o *Castelo Rá-Tim-Bum*, o *X-Tudo* entre outros. Eles educam com os princípios maiores: a leitura é importante, o livro é importante, a não degradação do meio ambiente, enfim, eles educam para uma visão macro da vida no mundo. Há outros programas, como *O Mundo de Beakman,* que trabalham o que chamo de didático-pedagógico. Ensinam coisas que são feitas na sala de aula, brincando com a linguagem de televisão. É nessa direção que vêm os programas específicos de educação na televisão: *Um Salto para o Futuro, Telecurso 2000,* todos esses são específicos para se trabalhar em sala de aula. Assim é toda a proposta da *TV Escola*, projeto desenvolvido pelo MEC e pela Unesco. Todos esses programas usam a televisão para serem veiculados, mas têm como meta a educação *stricto sensu*, quer dizer, a educação na escola.

É preciso distinguir o que é educação na televisão e o que é programa didático via televisão. Vejo que quando se fala em edu-

cação a distância, lança-se mão da mídia eletrônica, sobretudo da televisão, para ajudar a educação. Mas, paradoxalmente, não vejo isso se realizando de uma forma muito satisfatória.

Porque um projeto de educação só funciona se ele envolver a comunidade. A comunidade, ou seja, a escola, a família, o bairro, a cidade. Se não houver um envolvimento desses segmentos no projeto, tudo pode ser maravilhoso, pode mandar para a escola a parabólica, os *kits* com vídeos, uma grade de programação acessível com possibilidade de gravar, de multiplicar, mas se não houver o engajamento da comunidade, fica tudo perdido.

RCE: *Você estava falando da possibilidade que a Internet abre novamente para a escrita. E a imagem na televisão? Nós, há algum tempo, discutimos como os jovens, especialmente as crianças, estão envolvidos com a linguagem da imagem, o volume de horas que eles ficam em frente à televisão etc. Não estaríamos criando, com esses meios, novas formas de expressão que não são aproveitadas pela escola? É preciso saber usar esse instrumental que tem como preponderante a imagem? Como é que você vê isso? Como é que o professor vai enfrentar esse problema na sala de aula?*

Maria Thereza: São muitas as imagens que circulam na coletividade, pensando desde as que estão nos *outdoors* até as imagens a que as crianças assistem durante três horas e meia por dia na televisão. Só que na televisão a imagem está sempre acoplada ao verbal. Têm-se imagens desprovidas de verbal algumas vezes, por exemplo, em comerciais, ou tem-se o verbal que desmente a imagem, ou seja, há uma relação muito íntima da imagem com o verbal. Acho que não dá para o professor, ou para o aluno, ou para quem quer que seja, aprender a ler as imagens, a não ser que seja em um curso específico. Porque quando alguém fala da novela e vai se referir ao capítulo do dia anterior, ele não diz: *"primeiro apareceu fulana com a roupa assim e de repente apareceu o outro que estava com a roupa tal, e aí os dois entraram num carro de marca x e foram para a festa."* As pessoas não dizem isso, elas não se reportam diretamente à imagem. Elas comentam as coisas que foram ditas: *"ontem, na novela, chegou uma hora em que o fulano disse para o outro tal coisa e aí o outro respondeu..."*. Quando se trabalha uma telenovela, um telejornal, recupera-se a narrativa. A narrativa andou meio por baixo, na época do Estruturalismo, e hoje descobriu-se que a narrativa é uma competência da mente, uma operação mental do indivíduo. Então, o que mais fica desse visual (que no caso é diferente do cinema) é a história que o visual contou. É essa a história apropriada pelo indivíduo. Ela não é recontada exatamente como foi feita. É reorganizada pela lógica de quem viu, o qual reelabora a própria seqüência das coisas, fazendo com que aquilo fique organizado para ser relembrado, transmissível por meio de textos verbais. Vai se contando o que se viu, não o que aconteceu de fato. Conta-se a forma como se esteve envolvido naquela situação. Organiza-se o que se viu e ouviu lingüisticamente, para relatar, relembrar e fixar.

Não vejo como negativo o fato de se ver tantas imagens. Negativa é a quantidade de tempo que uma criança fica em frente de uma televisão. Ela fica não só porque gosta, mas por falta de outras opções. Isso é o que me irrita muito. Porque a criança não tem espaço para brincar, ela não tem segurança para ir às praças, às ruas e não são só as crianças das cidades grandes, as

cidades médias e hoje até as cidades menores já têm esses problemas. Isso atinge as crianças de classe alta, média e baixa, fica todo mundo trancado dentro de casa assistindo à televisão. Existe uma falta de opção, de contato lúdico com a realidade. A criança não está perdendo a sua humanidade porque vê televisão. Ela vê televisão por falta de opção e sobretudo por falta de consciência dos responsáveis de que se não houver condição de as crianças terem mais segurança, mais liberdade, realmente, elas vão ficar com seu mundo mais fechado; restrito a poucas escolhas. Tanto isso é verdade que hoje as novas praças públicas, os ambientes de estar são os *shoppings*. As pessoas estão fugindo para os *shoppings*, porque lá tem lugar para sentar, lá se encontra a *moçadinha* da mesma idade. Já se percebem os diferentes *shoppings* acolhendo segmentos da população dos mais diversos. O *shopping* está substituindo o espaço público, o espaço aberto que era um lugar de segurança, que era o lugar do encontro, o lugar da conversa. É um novo espaço cultural que se cria na comunidade. É uma defesa, uma auto-defesa da comunidade. As pessoas têm que se encontrar, têm que dar risada etc. Então, este tornou-se o espaço físico de produções culturais novas, são novos laços culturais que acabam se estabelecendo. Houve uma profunda mudança na sociedade[1], isso é feito em função de necessidades do grupo social e não o contrário. Não foi a televisão que mudou os hábitos sociais. A vida urbana está organizada de um outro modo e a televisão vem a calhar com esse novo modo de vida. Costuma-se jogar para a televisão os problemas do conjunto da sociedade. Os professores falam que a criança fica vendo televisão e não estuda, a criança fica vendo televisão e não lê. Não é bem assim. Aliás, quando falam da leitura digo que choram por um leite que nunca foi derramado. Porque se se pensar quem é que lia tanto assim vai se chegar à conclusão que, até 1930, 60% ou mais da população brasileira era analfabeta. Se nós fizermos um exame de consciência correto, sólido, nas nossas próprias famílias, pensando nos nossos tios, nas amigas das mães, nos avós, veremos que nas nossas famílias não temos figuras de grandes leitores. Não temos essa tradição. Portanto, não podemos lamentar uma coisa que nunca tivemos. No caso da televisão, do computador, eles vieram para resolver problemas que a sociedade já sentia. Tem até uma coisa com a qual costumo brincar: que a maior invenção do século não é nem o computador, nem a televisão, é o telefone, invenção do século passado ainda.

Foi o telefone revisitado que permitiu inclusive a ligação entre as redes, a Internet. Quando o conhecimento ficou tão amplo, acontecendo ao mesmo tempo em tantos lugares, houve a necessidade de ligar tudo isso em redes, para se aproveitar esse conhecimento de alguma forma. As coisas vêm como uma necessidade real e específica do grupo social. São novas relações culturais, são novos espaços culturais que estão surgindo e a escola não se apropria deles.

RCE: *Como é essa anacronia a que você se referiu no início, da escola em relação às necessidades sociais? Como a escola, no Brasil, pode continuar sem se abrir para esses novos meios?*

1. Ver sobre o assunto: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Comunicação plural:* alteridade e sociabilidade. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/ Moderna, n.9, maio/ago., 1997. p.39-48.

Maria Thereza: Em primeiro lugar acho que existe uma falta de compreensão, tanto de quem ensina quanto de quem aprende, sobre as relações que se dão em uma instituição como a escola. Não consigo ver a escola enquanto ela não for um projeto social de um grupo, do qual participem o professor, os alunos; como era antes. Não era um passado perfeito, mas a memória de uma outra relação que já existiu na escola. Hoje se tem a escola pública e a privada, aquela que é do governo e aquela que não é. O índice de alienação das relações que se dão na escola são demonstrados pela violência que vem acontecendo. As escolas são prisões, têm grades em tudo, as escolas são totalmente pichadas. Para ir ao banheiro, tem-se que ter chave, as escolas e as bibliotecas resumem-se a grades, de cima a baixo. As coisas ficaram tão indefinidas, que as escolas públicas viraram território de ninguém, onde as crianças vão para serem punidas; onde os professores vão para serem mal pagos, mal-aproveitados, para cumprir uma tarefa ingrata.

Particularmente no Brasil houve um abandono total da relação com a escola. Não se tem a menor condição de preparo do professor. A criança está lá fazendo coisas que são anacrônicas; esse professor, que não está preparado, não tem condição de fazer diferente. O livro didático é um mito que nunca chega e, se chega, vem atrasado.

No final do mês de maio deste ano estava numa banca examinadora de pós-graduação de uma professora que leciona no Estado do Piauí. Ela disse que os livros didáticos ainda não haviam chegado lá onde ela leciona. Nós estaríamos quase no meio do ano letivo, quando o livro tem que estar na escola em fevereiro. Melhorou um pouco, mas ainda não aconteceu o que tinha que acontecer. Existe uma falta total de definição do próprio espaço, de quem é aquele lugar, de quem é a escola? Por que ele é tão depredado? Por que ele é tão aniquilado? Seja por pessoas de dentro, seja por pessoas de fora. O que está acontecendo é que não há mais aquela relação de gostar e de respeitar a escola. As igrejas também perderam isso. As igrejas têm que ser fechadas, trancafiadas, para não serem depredadas, saqueadas etc. Eu não saberia dizer como resolver, porque os problemas são muitos e muito grandes.

Mas, que há falta de investimento, isso há. Para mim a chave de tudo isso é o professor. Se não se investir na formação do professor e não se valorizar a carreira do professor, não tem saída. De algum ponto a coisa tem que começar.

Quando digo investir e valorizar, não é só a questão financeira, é questão de valores profissionais, éticos etc. Por exemplo, sabe-se de experiências acontecendo nos lugares mais longínquos desse Brasil, em situações precárias. Está havendo, então, um total desencontro. O professor que vai para a escola não tem formação suficiente. Porque ele não tem formação, trabalha mal; porque trabalha mal, ganha muito pouco; porque ganha muito pouco, não valoriza o pouco que faz e porque ele não valoriza, quem recebe, os alunos com quem ele tem que interagir, estão pouco se *lixando*, porque aquilo que vem também não tem o menor sentido.

Há um desprestígio de tudo, porque a escola está anacrônica, e o que fica anacrônico fica embolorado, vai apodrecendo. As escolas de hoje são cadáveres mantidos vivos. As relações, os espaços culturais já não existem; ali não se faz nada, a não ser a baderna total. São ameaças. Agora, estava vendo na televisão, as escolas vão ter um ou dois guardas. Pode ser que isso bloqueie um pouco a agressividade externa, momentaneamente, e

quanto ao fato de o próprio aluno querer quebrar as coisas que são dele? Por que ele não faz isso com suas próprias roupas, com o *shopping?* Porque tem uma regra estabelecida, existe uma troca: *"venho aqui, aqui eu me divirto, é daqui que eu gosto"*. Tenho a impressão de que onde eles dançam, onde eles se divertem, eles respeitam muito mais; não por falta de educação, é porque naquele espaço estabelecem-se relações que dialogam com eles. E os espaços escolares, de uma forma geral, não interagem mais com nada. O professor não interage mais com os alunos, os alunos entre si não interagem. Há uma porção de equívocos, num espaço de profundo sofrimento. E, ao mesmo tempo, existe aquela necessidade de os pais dizerem que seus filhos estão na escola e eles têm que estar mesmo. A escola formal é fundamental. Mas ela tem que ser repensada. Há um ano mais ou menos houve uma avaliação na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e os projetos escolares que tiveram melhor pontuação foram aqueles desenvolvidos em cidades pequenas, onde havia um envolvimento do grupo e da comunidade. Mãe e pai participando, mutirão, porque é preciso envolver as pessoas. Por isso, por exemplo, os projetos e os produtos de ensino a longa distância, que são de ótima qualidade, só acabam tendo boa repercussão nas comunidades onde há participação efetiva. Caso contrário, não há envolvimento, não há troca, não há diálogo. Esse material chega e o pessoal nem quer saber por que ele está lá.

RCE: *Fala-se muito da importância do currículo oculto – realidade socioeconômica, nível de escolaridade dos pais e da família – na formação do aluno. À medida que a escola pública foi se tornando um espaço de segregação só de um nível socioeconômico (porque os outros níveis foram para a escola particular), como pensá-la como lugar que propicia a possibilidade de um futuro melhor, de ascensão social?*

Maria Thereza: Lembro-me de que quando estudei na escola pública, era uma glória estudar lá, final de 50 e começo de 60. Mas eram poucas as pessoas que íam, porque a maior parte dos excluídos continuavam na lavoura, trabalhando desde pequenos. A garantia de escolaridade mínima para todos fez com que, de repente, a escola pública não conseguisse manter quadros. Houve um arrombamento.

No começo da década de 60, quem ia para a escola pública tinha ali a possibilidade de crescer, *"ser alguém na vida"*, como se diz. Hoje realmente a história do *"ser alguém na vida"* está muito complicada para todo mundo, e para os excluídos, então, nem se fala.

Tenho a impressão de que houve um crescimento necessário, mas sem qualquer estrutura. É uma questão quase que de Física. Na Física você diz que dois corpos não ocupam, ao mesmo tempo, um só lugar no mesmo espaço. Abriu-se a escola para todos, e tinha que ser aberta mesmo, mas não se fez a contrapartida da preparação de um quadro de professores, de se manter a coisa numa escala minimamente aceitável. Criou-se essa ilusão, na época era até verdadeira, de que, tendo-se acesso à escola pública, tendo acesso à universidade, normalmente se teria um lugar ao sol. Isso hoje acabou, porque há uma crise na educação e nas próprias relações pessoais. Mas há também uma crise da sociedade. Afinal, você vai estudar para fazer o quê? Para trabalhar onde? Tenho a impressão de que não é só um problema de fim de século ou de milênio. Tem que haver um requestionamento, não só desses novos espaços sociais e culturais, mas também um questionamento dessa própria coisa chamada escola.

RCE: *O governo federal tem tomado algumas iniciativas na reformulação do ensino básico. Uma entre elas é a dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Qual a sua opinião sobre eles, principalmente no que se refere à Língua Portuguesa? Como eles enfrentam a diversidade cultural e de realidade dos estudantes e dos professores brasileiros?*

Maria Thereza: Conheço bem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa. Considero que está sendo feito um esforço para se ter, com relação ao estudo de língua, uma atitude contemporânea.

Os Parâmetros contêm indicações para se seguir e adaptar. Têm um espaço muito grande para que as culturas locais sejam valorizadas. E isso já começa a repercutir nos livros didáticos. No geral, vejo os Parâmetros como uma proposta boa. Vejo que, apesar de serem parâmetros nacionais, contemplam, no caso do aluno, os valores locais.

Há propostas de trabalhos muito interessantes. Recuperação de memória, entrevistas com os mais velhos, por exemplo, sobre mitos que correm na cidade, sobre lendas, canções; a recuperação de provérbios, tudo o que seja específico de uma região. Enfim, possibilitam uma forma inteligente de se trabalhar. Agora, como serão implementados, não sei dizer. Porque uma coisa é dizer para o professor o que fazer e outra coisa é formar um professor que saiba fazer. As propostas dos Parâmetros são muito satisfatórias, só tenho medo de que os temas transversais fiquem muito forçados. É necessário deixar claro que a transversalidade precisa ser espontânea. Uma das coisas boas que vi é a de não se utilizar poemas para ensinar gramática. Colocaram a gramática tradicional no seu devido lugar, que é um lugar muito importante. Sou das que não desprezam a gramática tradicional, ela foi a única que sistematizou fenômenos, que deu nome às coisas, mas tem-se que colocá-la em seu devido lugar. Os Parâmetros respeitam muito as variáveis regionais, a geografia lingüística de cada lugar, inclusive as formas, os falares locais. Isso é muito importante, desde que se garanta na escola o ensino da norma culta. Porque, há cerca de vinte anos, houve aquele equívoco brutal, que todo mundo podia falar e escrever da maneira que quisesse e foi uma terra de ninguém. A escola deve respeitar a criança que fala *nóis vai, nóis fica, nóis tem* e ensinar para ela que deve falar de outro jeito, mas que ela deve respeitar o avô e o pai que continuam falando assim, e percebo que nas propostas dos Parâmetros isso existe.

Outra coisa que está na proposta, de que gostei muito, é de trabalhar com todos os textos que circulam no grupo social. O texto de *outdoor*, o texto da tabuleta, o texto da bula do remédio, o texto do rótulo da maizena, o texto da lata de tomate. Assim se começa uma relação de realidade com a escola. No entanto, entre a proposta e como ela será implementada há uma distância, e isso não sei como se realizará. Os Parâmetros pegaram o que havia de bom nas propostas pedagógicas anteriores e imprimiram a característica de sermos uma nação, respeitando sua imensa diversidade. É importante que a criança do Nordeste mais longínquo conheça um poema, mas que, ao mesmo tempo, conheça a produção do cantador de desafio da cidade dela. É importante que ela ache bonita a história da fada, mas é importante também que valorize a história que o avô contou. Tanto isso é importante que até aquela propaganda do McDonalds toma como mote a lenda da mula-sem-cabeça. Veja, como é que de repente uma empresa que é super multinacional, da qual você

come o mesmo sanduíche aqui e em Paris, que nivela todos os paladares da mesma forma, produz uma peça publicitária dessas? Quem criou isso mostrou-nos que é preciso integrar na cultura aspectos que são próprios da cultura local.

:aderno *Viagens de leitura* mostra as muitas faces do mundo leitura.

É preciso que se estude, caso a caso, as experiências educacionais positivas das pequenas comunidades no Estado de São Paulo e de todo o Brasil. Eu mesma tenho exemplos, porque quando fizemos *Viagens de leitura*, fizemos locações em Sergipe, no Maranhão, na Bahia, no Rio Grande do Sul, quer dizer, temos registros de coisas boas sendo feitas em vários rincões do Brasil. Não devemos achar que somos o centro do país. São Paulo está perdendo a sua hegemonia industrial e em termos de cultura instituída também. Os centros estão se espalhando. São muitos centros. Vai-se para Fortaleza e vê-se uma iniciativa linda, vai-se para o Rio Grande do Sul e vê-se outra, têm iniciativas muito boas acontecendo. As tentativas de mudanças existem no país todo, mas é muito difícil mexer com a quantidade de pessoas que a escola envolve. A questão, por exemplo, dos processos de atravessamento que acontecem na merenda escolar são antigos. Na verdade, existe todo um jogo político que dificulta a resolução dos problemas da escola.

RCE: *Você citou os vídeos* Viagens de leitura. *Queria que você falasse dessa experiência. Como a televisão e a antena parabólica vão ajudar a melhorar a qualidade do ensino? Esses instrumentos podem também melhorar a qualidade do trabalho dos professores? Estou me referindo ao projeto* TV Escola[2]*, que é uma iniciativa do MEC e que você tem ajudado a desenvolver.*

Maria Thereza: Sem dúvida acho que a televisão e a antena parabólica podem ajudar muito, mas elas sozinhas não podem nada. Com a televisão e a parabólica se conseguem resultados incríveis, infinitamente melhores, de melhor qualidade. O projeto da *TV Escola* em si é belíssimo. Tive a oportunidade de participar da série *Viagens de leitura* e tive a oportunidade de ver também as pessoas que fizeram as outras séries. A série de Português, a série de Ciências, de História, enfim, boa parte de todas elas. O cuidado, a preocupação e o nível de formação desses profissionais é excelente. Todos têm uma sólida base teórica, pensando numa situação de sala de aula, sem nunca esquecer a linguagem da televisão. São produtos de alto nível e é fundamental ter a televisão, a parabólica e bons produtos para serem veiculados. Do outro lado temos a questão: esses produtos são adequados aos professores, num país enorme como o Brasil? São. Tanto são que temos relatos de experiências de lugares dos mais longínquos, em que o professor resolveu usar e está dando certo. Só que a resposta, do meu ponto de vista, em termos quantitativos, não

2. Ver sobre o assunto: FÍGARO, Roseli. *Projeto TV Escola.* (Entrevista com Isa Grinspum Ferraz). **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP/ Moderna, n.6, maio/ago., 1996. p.49-62.

é satisfatória. Porque penso que um dos problemas mais graves é a falta de envolvimento das escolas e dos professores no próprio projeto. Eles recebem a parabólica, recebem a televisão e não sabem bem o que fazer com aquilo. Não sabem usar o vídeo. Há uma grade que repete os programas e esses programas têm que ser gravados, na escola, para serem usados. Mesmo que você mande fitas prontas, que a programação não precise ser gravada, essas fitas acabam ficando nas gavetas. Há escolas que sequer desencaixotaram todos os materiais. Então, o que é preciso fazer? Do lado de cá, que seria a produção dos projetos, eles estão sendo feitos. Teríamos que ter a contrapartida que seria a adesão, a movimentação, a interação com as comunidades. Acredito muito nesse projeto que a Ruth Cardoso, faz do Comunidade Solidária. Pode ser que os resultados não sejam em escala enorme, mas são resultados mais amplos, porque existe envolvimento das duas partes. Não acredito em projetos unilaterais. Por melhor que tenha sido esse do qual participei, repito, ele é muito bem-feito, muito bem-elaborado, muito bem-concebido, mas se paralelamente não houver um trabalho junto à escola, o professor que não sabe o que é aquilo, não sabe utilizar aquilo pedagogicamente, não sabe gravar e, às vezes, não tem a disponibilidade do horário para estar ali gravando, não vai se engajar. Tem que ter, na escola, alguém encarregado de gravar os programas que passam na *TV Escola*. Tem que ter alguém, por exemplo, que catalogue as fitas de História, de Matemática, de Português; e é preciso ter duas, três cópias, porque mais de um professor pode querer usar ao mesmo tempo. Se não houver um trabalho de informação, de relação bilateral, se isso não for feito, não adianta nada o projeto. Só dessa maneira o professor vai perceber que esse material o ajuda a dar as aulas.

Acredito sim que a parabólica e a televisão são fundamentais, não dá para passar sem elas, mas para que elas exerçam o papel que podem exercer, para que ajudem o ensino é preciso sensibilizar a comunidade escolar. O ensino não acontece na fita, na parabólica, na televisão, o ensino acontece é na sala de aula.

Essa sensibilização é para isso. Caso contrário, fica assim: dever cumprido, fizemos vinte projetos. Qualquer grupo de avaliação vai dizer que eles são de alto nível. Sei que eles são recebidos e são utilizados com sucesso por alguns, mas a escala nacional desse uso não corresponde à quantidade de professores existentes. A menos que eu esteja enganada, a resposta não é satisfatória. Se não houver essa sensibilização no sentido de criar um espaço de participação coletiva, se não se fizer isso, as coisas ficarão até piores do que estão. Acho que a educação tem que ser pública sempre. Não suporto o que vem acontecendo com a nossa universidade pública. Esse descaso total das entidades governamentais, compostas justamente por pessoas que são formadoras de professores; se fosse um outro tipo de gente que estivesse no governo dava até para entender, mas do jeito que está acontecendo não. Mas voltando à pergunta, se não houver isso não se consegue nada. Não adianta apenas mandar o computador para a escola se ninguém sabe mexer. Temos sim que dar todas as ferramentas mas, sobretudo, estabelecer o vínculo da co-responsabilidade do interesse, porque não adianta mandar nada se a pessoa não está envolvida. A questão do envolvimento para mim é fundamental. E esse envolvimento se traduz em diálogos, em conversas e na troca de interesses. Pessoas se aproximam umas das outras por interesses, no sentido do envolvimento; se

não se tem isso, divorcia-se do parceiro. Se não houver uma aproximação das duas partes, nós vamos continuar fazendo projetos, sendo um país tecnologicamente, tecnicamente adiantado em termos do que produz, mas sendo um país retrógrado em termos do que não realiza com o que produz. Jogando comida fora, jogando fora projetos bons, fazendo comida apodrecer antes de chegar ao seu distribuidor, o livro didático chegando seis meses depois de começado o ano letivo. Sei que é fácil falar e que é muito difícil fazer. Sei porque já estive em cargos de diretoria de comissões importantes na universidade e para conseguir andar um milímetro, demora-se anos. Mas acho que esses mecanismos têm que começar a ser ativados.

RCE: *O que é, na realidade, o projeto* Viagens de leitura*? Em que se constitui, o que esses vídeos trazem de proposta para o professor trabalhar em sala de aula?*

Maria Thereza: O nome *Viagens de leitura* não foi dado por mim, o projeto já veio batizado pela *TV Escola,* exatamente porque se pretendia, primeiro, que abrangesse o país inteiro e, segundo, que houvesse possibilidade de uma viagem do imaginário das crianças. E o objetivo da proposta da série *Viagens de leitura* é que o material servisse como apoio didático ao professor e fosse também um material de envolvimento das crianças. Eu e o cineasta José Roberto Torero – um ótimo ficcionista, adorei trabalhar com ele – começamos a criar a série: eu escrevia e ele a pensava como realizar em vídeo aquilo que estava no papel.

Pensamos em várias situações de leitura. Uma primeira seria o contato com a biblioteca e com o livro. Como é a relação com o livro, como é a biblioteca. Estava muito assustada com essa história de se falar do *prazer de ler*, o ler por prazer, que ficou um negócio muito banalizado. O prazer de ler é alguma coisa trabalhosa. O prazer está justamente no entender as coisas, atribuir significados, desvendar realidades. Pensamos num esquema em que quase todos os vídeos proporcionassem a impressão de uma pequena viagem a momentos imaginários, contatos com outras realidades efetivas e que propiciassem a leitura e a contrapartida da escrita, e que tudo se fizesse coletivamente. Com relação a isso, pensamos nessa série de quinze vídeos como um processo de leitura e escrita.

***Ditado ao professor* é uma das séries que trabalha com crianças que mal sabem ler, ou que estão começando a ler. Elas contam uma história para o professor, e o professor escreve na lousa exatamente como elas ditaram. Aí eles próprios vão lendo e vão corrigindo, reelaborando o recado coletivamente. A proposta é que eles transformem aquele registro do ditado oral num texto escrito. Eles próprios vão percebendo as transformações.**

Uma outra coisa que se pensou, por exemplo, foi trabalhar com provérbios e ditados populares. E aí a proposta exatamente era essa de a criança recolher na comunidade provérbios que vinham do avô, das pessoas mais velhas e aí destrincar isso. Outra coisa que foi muito interessante, durante a produção do vídeo, foi que diferentes crianças trouxeram os mesmos provérbios de maneiras diferentes. Eles mesmos davam muita risada. Depois eles escreviam uma historinha, mas tudo isso com brincadeiras, e liam as historinhas que fizeram a partir dos provérbios. O conto de fadas, por exemplo, aparece para eles em diferentes suportes, ou em livrinhos, ou em CD, fitas, ou em séries como as da *TV Cultura,* que tinham todos os contos de fadas, séries produzidas pela *BBC*. Propusemos que, no meio de uma situação, a

professora contasse um pedacinho da história, depois que eles lessem no livrinho e verificassem como é que foi, se estava diferente do que a professora havia contado e o que tinha de diferente. Propusemos que eles ouvissem o mesmo trecho na fita, no CD e assistissem no vídeo àquele mesmo pedaço. Os pequenininhos faziam comparações lindas, entre o que tem de diferente no ouvir uma história, no ler uma história e no ouvir pela fita e no ver pela TV. Eles começam a perceber as diferenças, porque eles mexem com vários produtos culturais, o livro, o disco, o vídeo, a oralidade. Recuperar essa oralidade antiga, da memória da história e de algumas variantes que apareciam na história, foi muito importante. Considero esses vídeos, como também os das outras séries, muito bonitos, muito bem-feitos. Há vídeos com inserção de vinhetas com outras linguagens, como quadrinhos, por exemplo. Como produto, considero que o trabalho foi muito bom. Eles vêm preencher um espaço que nenhum livro didático preenche: que é o de utilizar os veículos da contemporaneidade. É uma relação com o concreto, pautada em conceitos teóricos muito sólidos. Mas tudo isso nunca vai substituir a relação com o professor.

Todo veículo: a parabólica, a televisão, a série *Viagens de leitura* e qualquer outro sempre têm que ser vistos e trabalhados como suportes. Eles nunca podem ser pensados para tentar substituir a relação pessoal, porque essa relação é insubstituível.

Vejo o projeto *Viagens de leitura* e todos os outros vídeos das outras séries como auxiliares riquíssimos. Eles auxiliam o professor que quer fazer um trabalho mais dinâmico. A aula passa rápido, as crianças se interessam. Mas o professor precisa saber que o material existe, ele tem que saber usar e se interessar. Ser mobilizado para saber usar.

RCE: *O que é o professor hoje e o que era o professor de dez, vinte anos atrás? Guillermo Orozco diz, em entrevista a* ***Comunicação & Educação*** *número 12, que ele entende que o grande desafio é o de se construir uma pedagogia para os meios de comunicação. Como você entende esse problema da formação do professor e como você vê a proposta de Orozco?*

Maria Thereza: Concordo sobre a necessidade de se ter uma pedagogia voltada para os meios. Sim, o professor tem que saber lidar com os meios. Mas acho que antes dessa pedagogia voltada para os meios, é preciso uma ampla relação pedagógica, uma forte relação professor-aluno. Você me perguntou uma coisa muito interessante: será que o professor de hoje, que forma nas universidades, é o mesmo professor de antes? Digo que não. Atualmente quem vem para a universidade para ser professor vem de um nível socioeconômico diferente. Muito mais dos níveis B e C do que A e B, como era antigamente. A função de professor deixou de ser exercida por pessoas que tenham mais estofo cultural, não estou menosprezando, é uma realidade a ser constatada. Por outro lado, o professor que se forma acaba não tendo interesse em permanecer na profissão. Está acontecendo um aviltamento da profissão. Lembro-me que há um ano ou dois, tínhamos uma moça na turma de Prática de Ensino que era soldado da Força Pública e estava terminando Letras. Ela tinha uma dúvida atroz: se deixava o emprego como soldado da Força Pública, ou se continuava dando aula. Um dia ela me disse: *"Thereza, eu já me decidi, vou terminar a licenciatura, mas continuarei como soldado"*. O pessoal da classe começou a querer saber o porquê e ela explicou: *"Porque, por exemplo, se eu tenho alguma falha, sou punida, tenho até reclusão. Minha reclusão é ótima. Tenho boa comida, leio meus livros da faculdade, então, a minha re-*

clusão é satisfatória. Sou muito mais respeitada fora e dentro do quartel do que qualquer professor que esteja em sala de aula".

Tem que ter uma pedagogia para os meios, sim, mas desde que o laço, a relação pedagógica primeira, original, que é entre professor e aluno, sala de aula e professores, exista. Respeito muito o Orozco, mas acho uma pedagogia para os meios secundária, no caso do Brasil, quando a primeira relação já não existe. Como posso ensinar a explorar um vídeo se o futuro professor não sabe absolutamente nada de Português? Não tem formação, não conhece a disciplina. Como é que ele vai explorar os meios? Acho que essa relação com os meios é sempre segunda. Segunda, não no sentido de que ela seja descartável, nunca, ela é fundamental. Mas é segunda na medida em que existe uma relação primeira, que é uma relação pessoal do professor com seus alunos. Assim como a escrita é segunda em relação à oralidade. Não dá para se estabelecer uma pedagogia para os meios se não tiver uma pedagogia de fato, uma relação entre quem ensina e quem aprende. Se não houver isso, corre-se o risco de se cair numa tecnologia vazia, barata. Acho que nenhum meio de comunicação social, por mais competente que seja, substitui a relação pessoa-pessoa, aquela que o professor deve ter na escola. Da mesma forma que jamais se conseguiu que uma criança aprenda a falar só ouvindo e vendo televisão. Porque a relação primeira não foi estabelecida, a criança tem que ver a pessoa, seja ela mãe, seja quem for, a relação pessoa-pessoa é insubstituível. São relações inalienáveis. Ainda que existam os bebês de proveta, o ato primeiro, o ato fundador, ele está na base de todas as coisas.

RCE: *Educar para o trabalho tem sido um subtexto de muitas iniciativas governamentais e dos meios de comunicação. O que você pensa sobre isso? O trabalhador deve saber produzir um texto criativo, mesmo que, em seu trabalho, só se exija dele disciplina e que saiba operar repetitivamente uma máquina?*

Maria Thereza: Essa relação que se acopla à escola, o sucesso e a progressão no trabalho, realmente vem da Revolução Industrial. Por isso, defendo, com unhas e dentes, que o primeiro e o segundo graus têm que ser generalistas. Acho um equívoco o contrário, tanto é que a tentativa de fazer uma escola de segundo grau profissionalizante deu no que deu. Há coisa de quinze anos, por aí, o pessoal saía com um diploma de técnico de laboratório e isso nunca adiantou absolutamente nada. Acho que, ao mesmo tempo, não dá para deixar de se preocupar com isso. Porque as pessoas ficam estudando e, depois de se formar, vão fazer o quê? Esse pensamento, essa visão pragmática da vida, essa necessidade de sobrevivência acaba falando muito alto.

A escola não tem que profissionalizar, ela tem que formar amplamente. Ela tem que formar para abrir a pessoa para o conhecimento. Para as grandes questões epistemológicas de seu tempo, na medida do seu crescimento. Não pode ser só profissionalizante. Mas, é muito difícil que se consiga, hoje, se dissociar uma coisa da outra.

Com relação à qualidade de escrita de um trabalhador que vai dedicar-se a trabalhos braçais e repetitivos, penso que a escola deve formá-lo para tentar tornar essa atividade repetitiva menos penosa. Porque na medida em que se abre o imaginário de um indivíduo para que ele possa pensar em coisas criativas, vai-se dar a ele a chance de poder, talvez, escapar desse tipo de emprego repetitivo, do apertar botões, de virar alguma coisa para o lado esquerdo. A única chance de

se fazer com que uma pessoa escape de uma profissão absolutamente degradante é ela ter uma imaginação aberta. É ela poder fazer perguntas novas a situações antigas; o grande pulo do gato está nisso. Quando você dá uma educação mais ampla, que deixa o indivíduo sonhar, que deixa voar o seu imaginário pessoal, ele pode ser aquela pessoa que dará os saltos qualitativos para as inovações necessárias. Não digo que todos darão, mas essa possibilidade deve ser dada pela escola. Esse trabalhador vai, talvez, fazer as novas perguntas que precisam ser feitas. Então, se as situações não mudam, nós temos que perguntar, inquerir essas situações de um jeito novo. Só se consegue fazer perguntas novas com uma mente mais aberta. Com uma mente mais criativa. É essa mentalidade que percebe mais adiante. Todos os saltos qualitativos, quando ocorrem, são dados por pessoas que tiveram a oportunidade de ser mais livres no seu pensamento.

No caso da universidade, é preciso dar um tempo maior de reflexão a ela. Nada está acontecendo para permitir que a universidade amplie esses espaços de reflexão. Na medida em que um professor universitário fica oprimido por um salário pequeno, tem que se subdividir e tem ameaças constantes à sua integridade de pensamento fica muito difícil. Fico muito preocupada com o estado atual das universidades públicas. São grandes universidades. Estou vendo coisas irem embora, assim, de uma forma banal, quando isso nunca poderia acontecer.

A universidade precisa de um espaço de reflexão que não tem um tempo marcado, que não tem uma data fixa. Ela precisa ter liberdade e tempo para que se possa especular. Para poder formular perguntas novas para coisas que são ditas tão comumente. Portanto, mesmo aquele que faz o trabalho repetitivo precisa ter o direito a uma formação aberta e a escrever um lindo texto.

Resumo: A professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo Maria Thereza Fraga Rocco fala em sua entrevista sobre a redação de vestibulandos e os problemas mais freqüentes desses jovens com a Língua Portuguesa. Destaca a importância dos meios de comunicação na escola e como diferentes tipos de programas de televisão podem ser trabalhados pelos professores. Maria Thereza fala também sobre sua experiência na produção da série de vídeos *Viagens de leitura,* que fazem parte da grade de programação da *TV Escola,* projeto de educação a distância desenvolvido pelo MEC, para professores e alunos do ensino fundamental. Trata, ainda, do abandono em que se encontra a escola pública e da necessidade da valorização do professor e da comunidade como fatores prioritários para se resgatar a qualidade de ensino e pôr fim ao anacronismo em que se encontra a nossa escola.

Palavras-chave: Maria Thereza Fraga Rocco, *Viagens de leitura, TV Escola,* educação a distância, programas educativos, relação pedagógica

Abstract: Faculdade de Educação of Universidade de São Paulo professor Maria Thereza Fraga Rocco, on interview, talks about the composition of students aplying for college and the most frequent mistakes done by those students on Portuguese. She emphasizes the importance of the means of communication in school and how different types of TV programs can be used by the teachers. Maria Thereza also speaks about her experience in the production of the video series *Reading trips* that are a part of *TV Escola's* programming, a distance learning project developed by MEC, (or the Culture and Education Ministry) for elementary school teachers and students. This is, still, the disregard that the public school is subjected to and it reflects the need to value to teacher and the community with priority factors in order to make quality of teaching resurface and to put an end to the anachronism that our schools are in.

Key words: Maria Thereza Fraga Rocco, *Reading trips,* teacher, community, TV Escola